

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Remix Ensemble

Casa da Música

Enno Poppe direcção musical

Sylvain Cambreling direcção musical

10 Dez 2022 · 18:00 Sala Suggia



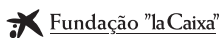
casa da música

APOIO



ernst von siemens
music foundation

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Rebecca Saunders

Wound, para ensemble e orquestra (2022; c.38min)*

2ª PARTE

Claude Debussy

Prélude à L'après-midi d'un Faune, para orquestra (1894; c.10min)

Ibéria, para orquestra (1905-12; c.20min)

1. Par les rues et par les chemins
2. Les parfums de la nuit
3. Le matin d'un jour de fête

Por motivos de saúde imprevistos, o maestro Sylvain Cambreling não poderá dirigir a primeira parte do concerto. A Casa da Música agradece ao maestro Enno Poppe a disponibilidade para assumir, à última hora, a direcção da obra de Rebecca Saunders.

*Estreia em Portugal; encomenda Ernst von Siemens Music Foundation, Orchestre de la Suisse Romande, Ensemble intercontemporain, Casa da Música e Radio France.

PORTRAIT REBECCA SAUNDERS — COMPOSITORA EM RESIDÊNCIA

17:15 Foyer Poente

Palestra pré-concerto por **Pedro Almeida**

Rebecca Saunders

LONDRES, 1967

Wound, para ensemble e orquestra

wound/ferida

n. 1. lesão num organismo, envolvendo normalmente o corte de tecido ou ruptura de tegumento ou membrana mucosa, devido a violência externa ou agente mecânico que não doença.

2. lesão ou dano dos sentimentos, sensibilidades, reputação, etc.

v. causar ferimento (a alguém ou a algo); ofender; magoar.

Wound

Cortar, rasgar, romper, lacerar, perfurar a pele ou a carne; mortificar, lamentar, ofender. Da violência, desfigurado e deformado.

Uma lesão incrustada na pele — estragada, uma marca da diferença.

A superfície imperfeita, cantos desgastados, fissuras no verniz.

A implicação da vulnerabilidade: a fragilidade e a imperfeição diferenciadas que fazem de nós humanos.

O silêncio é a tela em que o peso do som deixa a sua marca.

O som lacera a superfície do silêncio, ou retira a sua pele, faz zoom e cai no inferno, procurando o que está dentro.

“Esta vingança corporal. Uma genuína, concertada e sistemática anulação da bondade. Cada promessa descoberta demasiado tarde para ser uma puta de uma mentira mal contada. A promessa de intimidade e a promessa de beleza arrancadas para revelar um animal boquiaberto, hiper-real...”

Cada folículo uma válvula ou um fino tubo de cobre de um vasto instrumento de respiração...

Queria falar de um cursivo composto por uma única linha ampla — escrito em pele, na pele ou debaixo da pele; uma linha de pele morta, tingida, enrolada, desenhada no ponto mais sensível. Segura numa proximidade crua, dérmica.”
(*Air for Concrete, A primer for Cadavers*, do artista britânico Ed Atkins)

REBECCA SAUNDERS, 2022

Tradução: Isabel Correia de Castro

Claude Debussy

SAINT-GERMAN-EN-LAYE, 22 DE AGOSTO DE 1862

PARIS, 25 DE MARÇO DE 1918

Claude Debussy encontraria a mais original e revolucionária resposta à hegemonia germânica na construção de uma ideia de música moderna, fundindo uma multiplicidade de referências estéticas muito invulgares numa identidade pessoalíssima e, ao mesmo tempo, herdeira do legado de antecessores franceses. Surge na sua música uma expressão governada pela sutileza e pela discricção (traços peculiares da tradição francesa), uma predilecção pelo sensualismo e por elementos exóticos (que aprendeu quer com a ópera francesa, quer com as experiências inusitadas dos compositores russos), a recuperação e ressignificação de sonoridades medievais, ou mesmo de elementos ouvidos na música asiática (como o gamelão da ilha de Java, que tanto encantou o compositor na Exposição Universal de Paris de 1889), entre muitos elementos fascinantes. Não menos importante, há na música de Debussy um assumido gosto pela alusão a imagens e por evocações sinestésicas.

Hoje é comum referir-se a música de Debussy como sendo *impressionista*, contra a vontade do próprio — até porque o termo tinha naquela época um sentido pejorativo, sendo usado tanto para denegrir Monet e outros pintores em 1874, como para criticar o próprio Debussy a propósito da obra *Printemps*, de 1887. Contudo, mais importante do que um possível parentesco com a pintura é a íntima ligação entre a estética debussiana e a de poetas simbolistas (como Baudelaire, Mallarmé ou Verlaine) que ilumina o sentido mais importante da sua obra. Tal como os simbolistas, Debussy desviou-se do modo tipicamente romântico que prima pela expressão de

emoção intensamente sentida e pela assunção de um sentido narrativo, favorecendo ao invés um modo *sugestivo* de um estado de espírito, de uma dada sensação, atmosfera ou cena.

***Prélude à L'après-midi d'un Faune*, para orquestra**

“Quero perpetuar essas ninfas./As suas claras/e leves carnações, a sua dança aérea/entre os novelos do sono” — eis o começo da écloga *A Sesta de um Fauno*¹ de Stéphane Mallarmé (1842-1898), publicada em 1876. O extenso poema retrata o monólogo onírico de um fauno² que desperta do sono ao fim da tarde e fica a divagar, por entre reminiscências dos encontros sensuais com as ninfas do bosque que surgiam no seu sonho.

O *Prelúdio à Sesta de um Fauno*³ de Debussy, terminado em 1894, não aborda o poema de Mallarmé com intuito narrativo, mas sim numa óptica de evocação da cena e dos estados de espírito (e da consciência semidesperta) do fauno, por meio de sugestão, conotação. O sentido da peça é mais o da observação distanciada do que da expressão de emoção individual. O foco primordial, quer no poema de Mallarmé, quer na peça de Debussy, é o tratamento da linguagem em si e a sua capacidade de propiciar sensações, memórias turvas e referências difusas.

Para o efeito, Debussy prescinde das formas tradicionais da música sinfónica em favor de uma estrutura mais fluida, em que os episódios

¹ Em algumas traduções, o título — *L'après-midi d'un Faune* — surge traduzido como *A Tarde de um Fauno*.

² Divindade campestre do imaginário da Antiguidade Clássica, representada habitualmente com pés e chifres de cabra.

³ Entenda-se o título da peça de Debussy como de “Prelúdio para o poema *L'après-midi d'un Faune*”.

se sucedem e se regeneram numa configuração formal aparentemente desconexa. Há no entanto um fio condutor, desde o primeiro segundo: uma melodia de flauta solo (simbolizando o fauno que toca lamentosamente a sua flauta de pã). É uma melodia de contorno ondulante e semblante vago, que reaparece ao longo de toda a peça em vários contextos e conjugada com harmonias sucessivamente diferentes que lhe dão diversidade de cor. Vários instrumentos remetem para o imaginário tímbrico da Antiguidade: além da flauta, destacam-se a harpa, o oboé e mesmo os crótalos (pequenos pratos com altura definida). Em diversos momentos da peça surgem sedutoras figurações melódicas em arabesco, serpenteando graciosamente a fazer lembrar o sensualismo da *Sheherazade* de Rimski-Korsakoff. Note-se que a flauta não é tratada como solista, antes emanando da textura orquestral, que proporciona aos sentidos nuances inéditas para a época. A peça tornou-se um marco na história da música, a ponto de o compositor Pierre Boulez lhe chamar “o início da música moderna”.

***Ibéria*, para orquestra**

Sob o signo de outro tipo de reminiscências surgiu o conjunto de cinco peças orquestrais a que Debussy chamou *Images*. Entre a peça inicial, evocativa de música escocesa, e a última, que parte de canções tradicionais francesas, encontra-se um tríptico alusivo a Espanha, sob o título *Ibéria*. O projecto inicial de 1906 era de três peças para dois pianos, mas foi preterido no mesmo ano em favor do modelo orquestral. *Ibéria* ficou terminada em 1908.

Não se trata de uma estilização de repertório folclórico, mas antes de uma composição que incorpora lugares imaginados e traços estilísticos da música que lhes está associada.

Debussy desvia-se do usual método romântico de mera “coloração local” por incorporação de elementos tópicos superficiais. A linguagem debussiana pervade toda a partitura, habilmente mesclada com elementos de uma música ibérica idealizada e no entanto reconhecível, que não compromete a identidade do seu autor — pelo contrário, expande-a e alimenta-a.

Este “quadro” ibérico começa com “Par les rues et par les chemins” (Pelas ruas e pelos caminhos). “Ouço os ruídos que fazem os caminhos da Catalunha, ao mesmo tempo que a música das ruas de Granada”, diz-nos o compositor, que nunca visitou estes lugares. O ritmo da sevilhana é marcado por percussão, com um tema de clarinetes (em arabescos) a surgir logo depois. Na orquestração, é admirável a forma como os instrumentos de acompanhamento oscilam entre primeiro e segundo planos sem descurar uma pulsação dançante, sugerindo subtis mudanças de ângulo ou de cenário, a que a harmonia ajuda ao longo de toda a peça. A interrupção das trompas (com resposta de trompetes) dá o contraste para o episódio central, ao que se segue o regresso ao carácter inicial e repouso.

Em “Perfumes da Noite” temos um peculiar nocturno que começa com uma secção estática, misteriosa, oportunidade privilegiada para apreciação das subtilezas de cor e de timbre proporcionadas pela refinada orquestração, por entre inesperados *glissandos*. Chega-nos depois o discreto pulsar de uma sub-reptícia habanera. Mais tarde, há um carácter mais apaixonado a despontar e reconhecemos a dado momento o tema dos clarinetes do andamento anterior. No final, os sinos, camuflados de uma forma engenhosamente sugestiva, sinalizam a transição para a alvorada que trará “A Manhã de um Dia de Festa”, que ocorre em gradações de luz e cor inimitáveis.

O último andamento evoca um cortejo com uma banda imaginária. O som das guitarras é mimetizado notoriamente pelas cordas em *pizzicato*, enquanto os sopros trazem a euforia da dança, ou quiçá o som de cantares alegres. Entretanto, um inesperado violino solo irrompe em jeito popular, suspendendo por breves instantes o ambiente anterior. Capaz de comover profundamente Maurice Ravel (de ascendência basca), a *Ibéria* de Debussy dá-nos a ouvir, nos últimos compassos — tal como acontecerá com o *Boléro* do seu colega, volvidos 20 anos —, um exuberante *glissando* de trombones que encerra a obra em tom apoteótico.

PEDRO ALMEIDA, 2022

Enno Poppe direcção musical

Enno Poppe nasceu em Hemer, em 1969, e é um dos compositores alemães mais importantes da actualidade. Vive em Berlim desde 1990. Estudou composição e direcção de orquestra na Universidade das Artes de Berlim, com Friedrich Goldmann e Gösta Neuwirth, entre outros. Dedicou-se também ao estudo de síntese sonora e composição algorítmica no Instituto de Tecnologia de Berlim e no ZKM (Centro de Arte e Media) de Karlsruhe.

Enquanto maestro, Enno Poppe trabalha regularmente com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik e o Ensemble Resonanz, bem como com orquestras internacionais. É membro e maestro do Ensemble Mosaik desde 1998. Ensinou composição na Hochschule für Musik Hanns Eisler de Berlim, nos Cursos de Verão para a Nova Música de Darmstadt e na Impuls Akademie (Graz).

Enno Poppe recebe encomendas de obras por parte de ensembles de toda a Europa e de países fora do espaço europeu, de orquestras como a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Los Angeles e a Sinfónica WDR, e ainda de diversos festivais (Donauessinger Musiktage, Festival de Salzburgo, musica viva de Munique, Ultraschall Berlin, MaerzMusik de Berlim, Eclat de Estugarda e Wittener Tage für Neue Kammermusik, etc.). As suas obras foram interpretadas, entre outros, pelo quarteto Arditti e Kairos, pelos maestros Pierre Boulez, Susanna Mälkki, Emilio Pomàrico e Peter Rundel, e pelas orquestras Sinfónica SWR, Sinfónica Escocesa da BBC, Sinfónica da Rádio Bávara, Sinfónica Alemã de Berlim, Sinfónica hr de Frankfurt e Filarmónica de Jovens Alemã. A lista de ensembles que tocam regularmente a sua música é vasta: Ensemble intercontemporain, Ensemble Modern, London Sinfonietta,

Ensemble Resonanz, Klangforum Wien, ensemble mosaik, Ensemble Contrechamps, Musikfabrik, Ensemble 2e2m, SWR Vokalensemble e Neue Vocalsolisten Stuttgart, entre outros.

Algumas das composições mais emblemáticas da carreira de Enno Poppe são *Interzone* (2003-04) — uma composição para vozes, vídeo e ensemble, em que o escritor Marcel Beyer parafraseia um texto de William S. Burroughs sobre Tânger e Marrocos; o teatro musical *Arbeit Nahrung Wohnung* (2006-07) — uma história fragmentada de Robinson Crusóé, acerca da solidão; *IQ* (2011-12) — encenação de um teste à inteligência em oito actos, regressando constantemente ao início para começar de novo.

Enno Poppe foi bolseiro da Akademie Schloss Solitude e da Villa Serpentara em Olivano Romano. Dos prémios que recebeu, destacam-se o Prémio Busoni de Composição da Academia das Artes de Berlim (2002), a distinção dada pela Fundação Ernst von Siemens, o Schneider-Schott-Musikpreis (2005), o apoio da Academia das Artes de Berlim (2006), o Prémio da Fundação Christoph e Stephan Kaske (2009), o Prémio da Fundação Hans e Gertrud Zender (2011), o Prémio Hans-Werner-Henze (2013) e o Deutscher Musikautorenpreis (2016). É membro da Academia das Artes de Berlim desde 2008; da Academia de Ciências e Artes de Norte-Vestfália desde 2009; e da Academia de Belas-Artes da Baviera desde 2010.

Durante o ano de 2023, Enno Poppe será o Artista em Residência na Casa da Música.

Sylvain Cambreling

direcção musical

O maestro francês Sylvain Cambreling é um músico com ideias irreverentes, um artista invulgar que gosta de captar a atenção do público. No entanto, a sua originalidade é baseada em profundos conhecimentos no campo da musicologia. Como maestro titular da Orquestra Sinfónica da Rádio SWR de Baden-Baden e Freiburg e maestro convidado principal do Klangforum Wien, tem dado amplas provas das suas qualidades e imaginação como programador e como divulgador da música contemporânea.

No início da temporada 2018/19 tornou-se maestro titular da sinfónica de Hamburgo, um contrato entretanto renovado até ao final da temporada 2027/28. Entre 2010 e 2019, foi maestro principal da Orquestra Sinfónica Yomiuri Nippon em Tóquio.

Sylvain Cambreling foi director-geral de música da Ópera Estatal de Estugarda (2012-2018) e director musical do Teatro La Monnaie de Bruxelas durante dez anos, antes de se tornar director musical da Ópera de Frankfurt em 1993. Notabilizou-se pela introdução de ideias novas, muitas vezes revolucionárias, em algumas produções para o Festival de Salzburgo (*Pelléas et Mélisande* e *Les Troyens*) e Frankfurt (*Wozzeck*, *Fidelio* e um ciclo dedicado ao *Anel do Nibelungo*). Tem desenvolvido uma forte relação com a Ópera Nacional de Paris, onde dirigiu óperas como *Saint François d'Assise*, *Pelléas et Mélisande*, *Kátia Kabanová*, *La Clemenza di Tito*, *O Amor das Três Laranjas*, *Don Giovanni*, *As Bodas de Figaro*, *Simon Boccanegra*, *Les Troyens*, *Louise*, *La Traviata*, *Ariane et Barbe-Bleue* e *Wozzeck*.

Apresentou-se com as Filarmónicas de Viena e de Berlim, a Orquestra da Tonhalle,

as Orquestras das Rádios de Frankfurt, Hamburgo, Berlim, Hanôver, Colónia, Copenhaga, Estocolmo e Londres, a Philharmonia, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Alemã de Berlim, a Filarmónica de Munique, a Sinfónica de Viena, a Orquestra de Paris e a Filarmónica de Oslo. Na América do Norte dirigiu a Sinfónica de Cleveland, a Filarmónica de Los Angeles e as Sinfónicas de São Francisco e Montréal.

Defensor acérrimo de uma programação inventiva, Cambreling é conhecido pela originalidade com que planeia os concertos. Uma das suas especialidades é a justaposição de obras ou compositores contrastantes mas de alguma forma relacionados: por exemplo, Haydn com Messiaen, ou *A Danação de Fausto* de Berlioz com *Cenas de Fausto* de Schumann. Entre os seus projectos mais audaciosos pode destacar-se a apresentação em noites consecutivas das três obras de maior dimensão de Messiaen — *Turangalíla*, *Eclairs sur l'Au-delà* e *La Transfiguration de notre Seigneur Jésus-Christ*.

Em 2009, Sylvain Cambreling recebeu o Echo Klassik enquanto maestro do ano e o Prémio da Crítica Discográfica Alemã para o melhor CD orquestral. Em 2010, ganhou o Prémio MIDEM de Música Contemporânea pelo seu disco de Messiaen com a Orquestra Sinfónica SWR de Freiburg e Baden-Baden. Foi condecorado como *Chevalier de la Légion d'honneur* (2007) e com a Cruz Federal de Mérito da República Federal da Alemanha (2012).

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble apresentou, em estreia absoluta, mais de 90 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomàrico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas mais prestigiadas salas e festivais europeus como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi a primeira orquestra portuguesa a apresentar-se na Elbphilharmonie de Hamburgo, a 22 de Setembro de 2020.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da

ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carlinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carlinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken e inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2022 inicia-se com um programa partilhado com o Ensemble intercontemporain, que inclui a estreia mundial de uma encomenda a Hèctor Parra e é apresentado em concertos no Porto e na Philharmonie de Paris. Outras estreias a assinalar são as de obras encomendadas a Rebecca Saunders, Justé Janulytė e Erkki-Sven Tüür, incluindo concertos partilhados com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e a Orquestra Jazz de Matosinhos.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomárico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Orquestra Sinfónica

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Emília Vanguelova
Ianina Khmelik
José Despujols
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Maria Kagan
Roumiana Badeva
Alan Guimarães
Tiago Moreira*
Pedro Carvalho*
José Nascimento*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Catarina Martins
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Ana Luísa Carvalho*
Raquel Santos*

Viola

Mateusz Stasto
Rute Azevedo
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Luís Norberto Silva
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Theo Ellegiers
Francisco Moreira
Hazel Veitch

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Irene Alvar
Sharon Kinder
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Sławomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*
Telma Mota*

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Roberto Erculiani*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Timpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Aroso*

Celesta

Luís Duarte*

Acordeão

João Barradas*

*instrumentistas convidados

Remix Ensemble

Violino

Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor MacTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira

Trompete

Ales Klancar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira

Piano

Jonathan Ayerst

Vítor Pinho

Guitarra eléctrica

Steffen Ahrens

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

